

**PALETA DE VIDA E OBRA
DE TARSILA DO AMARAL:
ENTREVISTA COM NÁDIA BATTELLA GOTLIB**

**LIFE AND WORK PALLETE FROM TARSILA DO AMARAL:
INTERVIEW WITH NÁDIA BATTELLA GOTLIB**

Ricardo Iannace¹

¹ Ricardo Iannace é professor do Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa na Universidade de São Paulo. Autor, entre outros, de Murilo Rubião e as arquiteturas do fantástico (Edusp, 2016).

PALAVRAS-CHAVE: Entrevista; Nádía Gotlib; Tarsila do Amaral; Modernismo

KEYWORDS: Interview; Nádía Gotlib; Tarsila do Amaral; Modernism

Nádia Battella Gotlib é professora aposentada de literatura brasileira da Universidade de São Paulo e autora de, entre outros: *Clarice, uma vida que se conta*. 7 ed. rev. e ampl. São Paulo: Edusp, 2013; *Clarice Fotobiografia*. 3 ed. São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial do estado de São Paulo, 2014; *Tarsila do Amaral, a modernista*. 5 ed. rev. e ampl. São Paulo: SESC-SP, 2022.

A professora, biógrafa e ensaísta — referência internacional nos estudos de Clarice Lispector—, cujas pesquisas são notórias no âmbito da literatura feminina, bem como no tocante ao gênero conto e à epistolografia, concede a Ricardo Iannace uma entrevista generosa acerca de seu livro *Tarsila do Amaral, a modernista*. A matéria, que ora se oferece como versão revista, foi originalmente realizada pelo Google Meet e transcrita para integrar esta seção da *Literartes*.

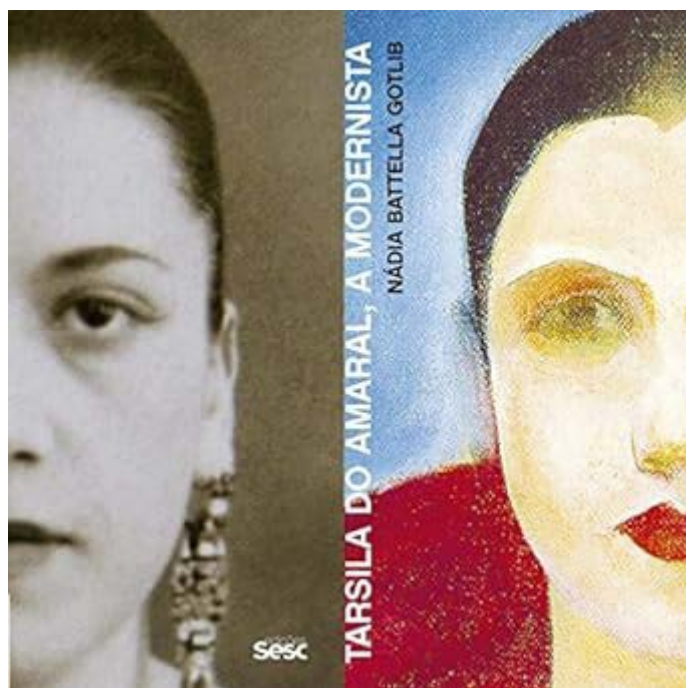


Figura 1: Capa do livro *Tarsila do Amaral, A modernista* de Nádia Battella Gotlib, publicado pela editora Sesc em 2018

1. Nádia, conte-nos como nasceu sua obra sobre Tarsila do Amaral. A propósito, acredito que poucos saibam que a publicação remonta aos anos 1980, com outro título e uma estrutura compacta.

Sim, o livro se chamou *Tarsila do Amaral*: a musa radiante. Foi uma encomenda de Luiz Schwarcz, quando ele trabalhava na editora Brasiliense. Saiu por uma coleção chamada Encanto Radical, voltada, sobretudo, a biografias curtas de personalidades do mundo cultural. Assim nascia um primeiro esboço sobre Tarsila – isso em 1983. À época, eu já trabalhava na docência com escritores nacionais, pois comecei a dar aulas na área de literatura brasileira da Universidade de São Paulo em 1979; antes, atuava no mesmo departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da FFLCH-USP como professora de literatura portuguesa. Portanto, um dos motivos para eu me decidir desenvolver estudos sobre Tarsila deveu-se ao fato de, nessa ocasião, eu oferecer cursos de graduação sobre o modernismo. Lembro que a exigência para a publicação era que o texto fosse brevíssimo. Tratava-se de uma edição com fins bastante comerciais – o que, em parte, não era ruim, porque isso viabilizou a venda com valor acessível para um grande número de pessoas. Por outro lado, devido ao baixo custo, não houve a possibilidade de reprodução de imagens com o mínimo de apuro gráfico. Resolvi, então, ampliar essa pesquisa com vistas a uma nova edição ilustrada. E surgiu a edição pela editora SESC São Paulo. Nesse intervalo entre a primeira e a segunda produção, eu tive a chance de consultar um arquivo muito importante. E aí entra a participação de Laura Taddei Brandini.

2. Recordo-me dessa época. Laura, hoje professora de literatura francesa e teorias da tradução na Universidade Estadual de Londrina, era sua aluna de Iniciação Científica nas Letras da USP.

Juntas, realizamos pesquisa com herdeiros da Tarsila do Amaral. Um

sobrinho-neto dela nos passou um material precioso: cartas manuscritas e desenhos do Blaise Cendrars; desenho de um vaso de flor criado por Marie Laurencin; bilhetes que Tarsila recebia de amigos, bem como rascunhos de textos que ela enviava a artistas modernistas que conheceu na Europa. Eram, portanto, muitas peças. Eu e Laura chegamos a fazer um inventário dessa matéria, que até então não existia. Na nova edição, pela Editora Sesc, desenvolvi as propostas do livro anterior, acrescentei um capítulo final, realizei algumas atualizações.

Fiz esse segundo livro movida também pelo fato de que não havia publicações de Tarsila com reproduções fiéis das cores de suas telas. Falta-va certo cuidado técnico que permitisse, por exemplo, distinguir o verde do marrom... Resumindo, meu primeiro desejo incidia em fazer um livro realmente com ilustrações em cores. Uma segunda intenção era a de apresentar não apenas a Tarsila artista plástica, até porque contamos como uma obra fundamental nesse sentido, que é o livro da Aracy Amaral, em dois volumes, intitulado *Tarsila do Amaral: sua obra e seu tempo*. Como havia essa publicação de Aracy disponível para o público, eu queria passar para os alunos um exercício de leitura, era isso que estava em minha mente. Ou seja, pensava em escrever um livro que também buscasse esclarecer, didaticamente, em que consistia a proposta, por exemplo, do Pau-Brasil e a proposta da Antropofagia, em diferentes linguagens. Quer dizer, procurava demonstrar como havia um repertório comum que poderia ser traduzido em termos de linguagem própria das artes plásticas e em termos de linguagem literária. Então foi por isso que, na hora de organizar os vários capítulos, eu introduzi análises de poemas.

3. Um exercício de leitura de viés comparativo.

Nesse sentido, eu me detive, entre outras, numa tela de Tarsila pela qual eu tenho especial predileção, que é *Carnaval em Madureira*, que exhibe

uma Torre Eiffel. Aliás, depois descobri que existiu mesmo uma torre ‘similar’ à Torre Eiffel construída em bairro do Rio de Janeiro durante o Carnaval de 1924. Ao analisar a tela, aproveitava o ensejo para ler o poema *Nossa Senhora dos Cordões*, de Oswald de Andrade, em que ele faz uma espécie de paródia do discurso popular carnavalesco, mas com repertório retórico erudito. O autor Oswald utiliza a cultura erudita e o português castiço que se aprende na escola – o chamado português das pessoas que obtiveram educação ilustrada e ‘clichezada’ –, e mistura essa linguagem à linguagem popular, que recebe tais clichês da retórica culta. Dessa mescla resulta um tom irônico, mas um irônico simpático, vale dizer. Oswald não estava esculhambando nenhum lado nem outro. Ele estava apenas, a partir dessa proposta, tentando resgatar uma cultura popular que até então tinha sido abafada pela cultura acadêmica.

Vale lembrar que o modernismo tentou certa revolução ao se opor à cultura parnasiana, aquela que burilava muito os versos. Como bem disse Sérgio Milliet, o modernismo substituiu as rosas pelos cactos... Acho que essa frase dá muito bem a noção do que foi essa revolução Modernista. Há um termo de que também gosto muito, que é de Antonio Candido – o termo é “desrecale”. Apesar de todas as críticas que estão surgindo em relação ao modernismo, que era de elite, que a mulher ficara à margem, que o grupo era endinheirado, que não considerava o outro mundo, o das minorias, penso que é preciso examinar com certo cuidado tais considerações, pois o modernismo lançou também o seu olhar para essa cultura marginalizada. Talvez não com o foco que hoje a gente esperaria, depois da importância com que contemporaneamente se examina a cultura negra, os afrodescendentes. Quer dizer, o seu olhar era datado: um olhar de 1922. Mas houve um fenômeno do “desrecale” em relação ao índio, ao negro e ao pobre no campo da literatura e das artes plásticas.

4. **Sim, Nádía, e esses três saltam às telas de Tarsila.**

São três temas que estão muito patentes nas artes plásticas da Tarsila do Amaral. No *Pau-Brasil*, por exemplo, em 1923 temos a pintura *A negra*. Tarsila usou o desenho da negra, inclusive, para registrar a capa do livro do Blaise Cendrars na França, capa que acabou funcionando também como elemento de divulgação do nosso modernismo na Europa. Quer dizer, houve um movimento de duas mãos: de lá para cá e de lá para lá. O livro chama-se *Feuilles de Route. I – Le Formose*. A Tarsila só acordou para essa literatura modernista depois da Semana de Arte Moderna. Ela chegou ao Brasil quatro meses depois, de modo que não participou da Semana. Depois, sim, ela fez parte do Grupo dos Cinco, formado com ela e Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Anita Malfatti e Menotti del Picchia. E embarcou no vácuo da semana de 22, que serviu como impulso para a sua produção estética, levando essas artes plásticas para a Europa. Ou seja, não houve apenas a assimilação no Brasil do que acontecia na Europa, a exemplo do cubismo e outros “ismos”. Tarsila também levou a nossa arte para lá. E uma dessas manifestações é seu desenho no referido livro de Blaise Cendrars, um diário de viagem que incorpora na sua construção a participação ativa da linguagem plástica da Tarsila sob a forma do desenho. Penso que a concepção um tanto infantil de tais desenhos de Tarsila – que parecem desenhos de criança do jardim da infância, com barquinho, palmeirinha, etc. –, na verdade, constitui uma forma eficaz de resgatar nossa infância cultural a partir do reconhecimento da importância da cultura indígena. Já na antropofagia o índio ganha massa física na figura do antropófago, aquele que come gente, o Abaporu. O pau-brasil e a antropofagia nos levaram de novo às nossas raízes. São dois momentos especiais que quis abordar no livro.

5. Do mesmo modo que tratou da personalidade feminina de Tarsila.

Sim, procurei me deter nesse traço biográfico de Tarsila, o da Tarsila mulher, que eu acho também muito importante. Nessa vertente, que envol-

ve a questão de gênero, podemos observar uma Tarsila que lutou conforme suas possibilidades e com muita força para que seus direitos de escolha fossem respeitados. Trabalhou muito para ser aquilo que foi. E não apenas no campo da atividade artística, também no âmbito da sua história afetiva, sentimental. Ela soube escolher os homens da sua vida. E é interessante que cada etapa emocional e sentimental de Tarsila corresponde a um período bem específico de sua vida. A crítica já afirmou que tal divisão seria produto de um esquematismo rigoroso. Trata-se, sim, de um esquematismo rigoroso, mas – eu diria – não é redutor. Entendo que seja fiel a sua própria história. Houve, sim, coincidências. Primeiramente, ela seguiu a tradição familiar da aristocracia rica, quatrocentona, de fazendeiros do interior, donos de extenso território, de Piracicaba até Campinas, região composta por mais de 100 fazendas que pertenciam ao avô, Sr. Juca. Enfim, Tarsila vinha dessa tradição, o que lhe rendeu direitos de ir à Europa e voltar tantas vezes quantas quis – e isso representou uma enorme vantagem para sua formação artística. Quer dizer, isso permitiu o contato muito próximo com os artistas europeus. Entretanto, cito apenas um: Pablo Picasso. E se casou com um primo, conforme a tradição patriarcal machista da classe alta de São Paulo. O casamento não foi adiante: o primo teve dificuldade em compreender os anseios profissionais de Tarsila. Ela queria estudar, viajar. A separação conjugal com o primo causou reação negativa no âmbito familiar. A família não aceitou.

Já o segundo casamento com Oswald de Andrade, no ano de 1926, foi ato de livre escolha. Mas para se casar com o Oswald de Andrade, novo escarcéu: a família não aceitou processo judicial de separação e houve necessidade de se pedir anulação do casamento com o primo. Quanto a Oswald, ele não foi aceito na família por ser considerado homem muito solto, avançado demais, fora do padrão. E a separação com Oswald abalou também a família de Tarsila. Depois de poucos anos de casados, ele foge com Pagu, de modo que Tarsila perde Oswald não por vontade dela, mas por vontade dele.

Ocorre que no começo dos anos 1930 ela conhece José Osório, que era

certamente uma personalidade muito interessante. Era marxista e psicanalista. José Osório teve uma importância grande na formação de equipes que tratavam de doentes mentais, inclusive Nise da Silveira foi muito influenciada por ele. Era bastante conhecido no Rio de Janeiro, escreveu vários livros. Portanto, era uma pessoa intelectualmente muito bem dotada e com muita ação – ação política e ação intelectual no campo da psicanálise.

6. Tarsila chega a realizar viagem para o exterior com José Osório, não é mesmo?

Tarsila viajou com ele para Rússia, onde também estudou. Quando retorna ao Brasil, traz vários cartazes da Rússia. Há até um estudo dela sobre esses cartazes. Depois passou em Paris, pintou parede numa comunidade para trabalhadores. E no Brasil foi presa durante a perseguição política a grupos de esquerda. Teve, enfim, uma atividade muito ligada a esse ideário no período em que viveu com João Osório. É evidente que a família, mais uma vez, não aceitou, porque não podia aceitar alguém de esquerda.

E por último Tarsila conheceu outro homem, o escritor e jornalista Luiz Martins. A família novamente se opôs: Luiz Martins era quase 20 anos mais novo que Tarsila, era um mocinho perto dela, à época uma mulher muito madura. Acontece que Luiz Martins depois se apaixonou por uma prima da mãe da Tarsila, e acabou se separando de Tarsila e casando com a moça, Anna Maria.

Há, aí, outro fato intrigante, que é a correspondência de Tarsila com os dois, ou seja, tanto com Anna, que será a futura esposa de Luiz, quanto com o próprio Luiz Martins. E veja que interessante: Luiz Martins era quase 20 anos mais novo que Tarsila, e Anna Maria era 17 anos mais nova que Luiz. Diante dessa notória diferença de idade, a família, que era a mesma, porque ela era prima da mãe de Tarsila, também não aceitou o casamento de Luiz com Anna – até porque ele estava se separando da Tarsila. A relação ficou inter-

rompida por algum tempo, o que atesta a rigidez de costumes dessa família.

Em suma, houve vários embates. Penso que o fato de ela ter vencido essas etapas, isto é, as quatro separações conjugais, bem como o fato de ela ter lutado contra a família pela preservação do seu próprio desejo, tudo isso expressa perseverança. E a essas experiências se alia a vontade intensa de se dedicar profissionalmente às artes.

Por fim, eu queria registrar outro fato da vida de Tarsila, que é o seguinte: ela teve só uma filha, que morreu, a Dulce; e teve só uma neta, que também faleceu quando adolescente. Portanto, teve impasses muito tristes no campo familiar. Mas em momento algum ela, pelo menos aparentemente, titubeou, nem mesmo quando se separou de Luiz Martins, o que mostra a força de sua personalidade.

Vivemos num país racista em que até hoje é difícil ser negro. Assistimos à luta justa de movimentos pela afirmação dos direitos dos afrodescendentes. Tarsila, apesar de ter tido facilidades – era branca, culta, bonita e era também, segundo Mário de Andrade, “feliz” –, estudou muito para alcançar o reconhecimento que hoje é notório. E lutou contra preconceitos conservadores para se firmar na vida enquanto mulher para construir sua vida profissional, sentimental e afetiva.

Talvez esses meus apontamentos sumários possam colaborar para uma reflexão a respeito da importância de Tarsila para o movimento de emancipação da mulher e para seu papel no campo da cultura artística brasileira.